

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 153

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



NO ESTORIL — EM PLENO INVERNO!

O nosso Estoril é, na verdade, um clima de inverno, surpreendente. Quando em quasi todas as capitais da Europa neva e chove nós temos, a dois passos de Lisboa, uma "Côte-d'Azur" admiravel, onde o nosso fotografo surpreendeu, na semana passada este grupo que, dir-se-ia, gira um sol de verão em pleno Dezembro.

Brevemente no *TEATRO APOLO* a revista **SETE E MEIO**, dum dos autores do famoso *TRINTA E UM*

cronica da semana por norberto lopes

O terceiro sexo

UM sabio italiano—os sabios são o diabol—descobriu que era possivel determinar com uma certeza quasi matematica o sexo da criança que está para vir ao mundo. — Mais ainda: se um respeitavel chefe de familia resolve mandar vir de França um meudo, a encomenda é despachada conforme os desejos manifestados pelas duas pessoas que intervem mais directamente no acontecimento.

Se a mamã deseja uma menina, vem uma menina registada com todos os selos do regulamento postal; se o papá prefere um menino, o pimpolho apresenta-se á chamada dentro do prazo legal e começa logo a imitar a buzina dos automoveis, como todo o garoto que se presa.

E quando a mamã e o papá não chegam a um accordo, qual será o sexo da criança? Não o diz o professor Pichezzi, mas é de supôr que —a não ser um hermafrodita—nasça um paposêco com todos os requisitos de elegancia indispensaveis ao terceiro sexo.

Ainda que este problema pareça á primeira vista muito simples e facil de resolver, a verdade é que a descoberta do sabio italiano vem lancar a confusão nos espiritos—e pode representar mesmo uma calamidade universal.

Como sabem, porque o dizem as estatisticas, para cada homem há uma média de três mulheres e um quarto. Há países—como alguns de civilização arabe, por exemplo—onde a média é ainda mais elevada e cada homem di põe dum numero razoavel de mulheres.

Imaginem agora que, a fim de restabeleer o equilibrio entre os dois sexos, os governos decretam que daqui para o futuro os progenitores só podem mandar vir de França crianças do sexo masculino. Aumenta a cotação da mulher na bolsa do matrimonio e começam os homens—como outrora— a lutar entre si para a conquista da mulher.

Repetir-se-há o rapto das Sabinas—e as coltas não de complicar-se a tal ponto, que os governos ver-se-hão na necessidade de restabelecer o «statu-quo-ante», ou seja a abundancia de mulheres, que é realmente o unico estado que nos convém.

NORBERTO LOPES

Este numero foi visado pela comissão de censura

O AUTOMOBILISTA



—Tinham-me dito que o carro subia bem... Mas não julgava que era ás arvores...

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'AQUILA

Brinquedos

AS montras de brinquedos são agora o sol da cidade cinzenta. Em volta das montras de brinquedos ha sempre um sorriso infantil e uma tristeza adulta. Quem não sentiu pena de não ser rico diante das lojas onde se vende a felicidade dos que nada fizeram para a não merecer!

Quantos sonhos malogrados não voltariam a flor, se as montras dos brinquedos quizessem!

Lembremos os pequenitos doentes dos hospitais e sanatorios, de quem o Velho Natal se esquece, com certeza... Receberiamos gostosamente algum brinquedo que a generosidade dum leitor obrigasse a sair da montra vistosa para ir alegrar as mãos debeis de quaisquer pequenitos internados no Sanatorio Marítimo dr. José de Almeida (Carcavelos), superiormente dirigido pelo nosso amigo dr. Antonio de Menezes.

A Espanha do cinema

A Espanha vista através do cinema americano é simplesmente qualquer coisa de muito enjoativo. O «Odéon» tem-nos contemplado com alguns perfectos especimens do genero.

Temos sempre a fatal ballarina remexida, muito cheia de castanholas—, o toureiro—muy castizo—, D. Juan de chapéu á Mazantini, etc... Razão de sobejo teem os nossos visinhos em fechar o seu mercado cinematografico a essas obras cheias de mau gosto, onde é tão mal interpretada e comprendida a alma forte e viril da Espanha. Porque não lhes seguimos o exemplo?

S. Francisco e a Literatura

NADA menos de quatro obras sobre S. Francisco de Assis acabam de entrar ou estão prestes a entrar no mercado: «S. Francisco», de Manuel da Silva Goyo, grande poeta que procura fazer se esquecer, talvez dorido por ver como é facil conseguir se agora «jornalisticamente» falando—o titulo de «grande poeta»... «S. Francisco», de Alfredo Pinto (Sacavem), comentador intelligente da harmonia e sentido musical de todas as palavras do Pobrezi-ho... «S. Francisco», de Alves Martins, poeta vencedor que pode subir onde só chegam as aguias reais... S. Francisco, de toda a gente, antologia de trechos literarios—prosa e poesia—embora do santo que emocionou os lobos. Não se pode dizer que o prosaismo da epoca e a rudeza da Vida não tenham oasis de caudura e de beleza innocente onde possam acolher-se uns momentos.

Récords

JÁ tem a Madame que ensina a ler em 30 horas e que vem solucionar o problema do

OS VALENTES



—Imagina que um sujeito te chamava «idiota». O que é que tu fazias?
—Mas um sujeito... de que tamanho?

analfabetismo sempre florescente neste nosso florido jardim da Europa.

Agora temos noticia de que um engenheiro americano possui o segredo de fazer construir um predio (será um «fara-cens»?) em tres horas e meia. Deixou a perder de vista a Madame da leitura por taximetro, e deve ser urgentemente chamado a Portugal, para solucionar o problema da falta de moradias..

Um novo curso

NO Conservatorio das Artes e Officos de Paris acaba de ser criado um curso de publicidade. O «agente de publicidade» deixou de ser uma pessoa de quem todos desconfiamos, sem razão, mas por uma serie de arrefugos preconceitos. Passará a ser um cavalleiro (ou cavalleira), diplomado, que vai explorar uma das maiores industrias do mundo, devidamente habilitado a fazer lo. A publicidade moderna tem os seus segredos de difficil estudo. O cartaz, os anuncios, as projecções luminosas, o



cinema, são as suas armas, por assim dizer, materiais. Mas as suas armas espirituais (o gosto, a originalidade, a eloquencia, a psicologia...) precisam de ser afiadas e experimentadas, por meio duma aprendizagem séria. E, postas ao serviço das industrias tambem sérias, serão a grande alavanca do mundo comercial...

O cinematografo instrutivo

O convite do Instituto italiano de cinema instrutivo, feito ao governo portuguez, para uma ultima colaboração, veiu dar actualidade a um assunto que merece todas as atenções. Chega a parecer impossivel que na nossa epoca, quando se marcha a passos agigantados para todas as realisações, ainda não se tenha tirado qualquer beneficio pedagogico do cinema. Qual o professor de Historia dos primeiros anos do liceu que não veria a sua tarefa altamente simplificada, graças a uns films evocativos de ambientes e de personalidades que, para as crianças, nunca chegama passar de «nomes», de «palavras» que é preciso decorar? E a Geografia e a Literatura, e as Sciencias Naturais, quanto ganhariam em ser ensinadas com o auxilio de belas fitas elucidativas? Porque se caminha tão depressa para tudo o que é disparatado e se tarda tanto em chegar ás verdades simples?!

Um reclame moderno

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o reclame da pagina quatro, com o qual toda a gente pode obter um belo relógio de graça.

AS CALÇAS LARGAS



O papo-seco na sapataria:
—Querria uns sapatos iguais a estes que trago..

questão prévia

Por FELICIANO SANTOS

QUANTOS sonhos cor de rosa, quantas ambições vermêlhas, como chamas crepitando, embalam ou agitam os que esperam da Sorte uma nova directriz para a Vida!

E' que, de hoje a quatro dias, anda a roda «para a grande e extraordinaria lotaria do Natal», como dizem os «placards» dos cambistas e os pregões dos cauteleiros.

Serenamente, sem um quadregesimo irradiando esperança no bolso do colête, é facil fazer considerações sobre a semcerimonia com que o homem, no pensante e inteligencia, entrega ao capricho do Acaso, representado por duas bolinhas que giram vertiginosamente em duas esferas de arame, a solução das suas angustias, da sua felicidade material.

Eu não sei até que ponto a lotaria da Misericordia é culpada da nossa falta de iniciativa, mas sem duvida na panria nacional lhe cabe uma grossa ta hada de responsabilidades.

Porque, afinal, em presença do criterio estreitamente individualista com que nos governamos na vida, não ha razão nenhuma para que uma pessoa não seja a escolhida pela Sorte para subir da mais negra pelintrice á mais radiosa prosperidade. Trabalhar, produzir, acumular, para quê? Se, como se diz nos «Malas», o portuguez se contenta com comer uma azeitona, olhando o céu azul, para que ha-de ele empenhar o seu esforço para realizar dinheiro alem das suas necessidades da azeitona e dum habilitação na lotaria?

A' hora a que escrevo esta deslavada cronica ainda não estou habilitado, mas não occulto que já me tenho surpreendido, a mim mesmo, parado diante dos cartazes da Misericordia, a somar os premios taludos que eles anunciam e a ambicionar, desmedidamente, um favor da Sorte, que me permitisse enfaixa-los todos na carteira. E' evidente que ralho comigo quando me surpreendo assim a desejar uma fortuna provinda dum milagre do Acaso, tão seguro está o meu bom-senso de que nem por acaso eu posso ter uma fortuna. E não é porque fizesse mossa aos meus principios manjar e aproveitar os milhares de escudos da sorte grande, mas é que tão duramente me habituei a ganhar o pão, a manteiga e outros ingredientes quotidianos, que receio deixar-me embalar pelos sonhos de fabulosas riquezas, que são na vida de cada um a mesma desgraça que na vida de Portugal foi a descoberta da India.

Não, decididamente não quero desejar, pelo menos em publico, que me saia a sorte grande quanto mais não seja para evitar aos leitores o antecipado desgosto de se verem privados destas crônicas. Porque eu faço aos meus leitores a justiça de supôr que acreditam piamente em que, se me saísse a «taluda» do Natal, nunca mais veriam o meu nome senão nas «partidas e chegadas» dos «carnets» mais ou menos «mondains».



ENTRE GATUNOS



—Quanto valerá este colar de perolas?
—Uns... três anos de prisão...

NOTÍCIAS do Brasil relatam as proezas dum certo bando temível de facinoras papa-orelhas, que tem infestado certas regiões, matando todos os desgraçados que lhe caíam nas garras, com o fim unico de lhes devorarem o orelhame ao natural.

As povoações estão alarmadas e a imprensa tem verberado asperamente tão grande barbaridade e tão extranha predilecção.

Por nossa parte, e tendo sempre em atenção que os gostos de cada um se



não devem discutir, parece-nos que se ha muito quem aprecie orelha de porco, é licito admitir esta predilecção do mencionado bando, e visto que orelha de gente pode ser talvez mais saborosa.

Ha casos em que uma orelha humana, em questão de limpeza, pode mesmo rivalisar com a de porco. E d'ali talvez a explicação.

Tanto mais que as vítimas a que a noticia se refere são geralmente creados pretos, mulatos ou de outras cores igualmente duvidosas e cujas orelhas devem ser tão limpas como as de porco.

Devemos concordar, tambem, que é mais natural estapedilecção pelas orelhas do nosso semelhante, do que pelas dos bichos doutra especie.

Simplemente é um genero de ace-

QUERIA dar-lhes noticias do Simpidrio, mas não é possivel. Partiu ha três dias para a Tcheco-Slovaquia. Não sei se foi de comboio, de avião, por mar ou, simplesmente, a pé, como os medicos recomendam... Não sei. Encontrei este cartão debaixo da mi: ha porta, justamente ha três dias:

Simpidrio Tarouco de Rinhães

P. P. C.

Parte Slovaquia

Fiquei muito comovido, olhei para o cartão e disse-lhe adeus...

...Estava eu nesta linda posição, a dizer-lhe adeus, quando me entra pela porta dentro, esbaforido, Inacinho, um sobrinho que tenho, belo rapaz, mas com uma mania perigosa: A de ser *chauffeur*. Já deu cabo de três automoveis porque não eram dele nem meus!

...Ora pois... Estava eu a dizer que o Inacinho entrara esbaforido, e é verdade. Extranei-lhe o semblante... como se diz nas comédias... E fui-me direito a ele: «Fizeste alguma, rapaz!»



POR AUGUSTO CUNHA

Gostos não se discutem

pipe muito mais difficil de arranjar, porque ninguem quer prescindir desse ornamento auditivo, a não ser pela forma adoptada pelo bando a que acima nos referimos.

E precisamente por ser mais raro, se torna muito mais apetecivel. E talvez os bandidos tenham razão. Ha certas orelhas rozadas que devem ser bem saborosas. E' o que com propriedade pode chamar-se um petisco de traz da orelha.

Quanto ao procedimento de semelhantes facinoras, não o achamos, afinal, tão censuravel e de molde a produzir tamanho espanto.

E', afinal, um processo como qualquer outro de resolver a crise das subsistencias.

E se admitimos que nos matem a pouco e pouco, envenenando nos com generos falsificados e avariados, afim de que os fornecedores possam engordar á nossa custa, devemos concordar em que o processo dos papa-orelhas é muito mais franco, mais sincero, mais humano, mais licito e mais leal.

Não ha o direito de condenarmos o apetite desses desgraçados, que se con-

tentam com as orelhas, quando, afinal, nós, cá na vida, não fazemos outra



coisa senão comermos nos uns aos outros.

E' caso para insistir na velha frase: ou comem todos, ou ha moralidade.

O CONTRAPÊSO

Já na altura de vêr as provas, informam da redacção que esta cronica ficou, afinal, um pouco curta e é preciso encher a pagina. Como num fato posto em prova, verifica-se que sobra corpo e falta na fazenda.

Torna-se portanto necessario fazer esta emenda, esta crecença, deitar esta baíinha abaixo.

O dinheiro que se perde nas ruas

—Não, sr. meu tio!—o rapaz é muito delicado—Saiba vocemecê que achei esta nota de cem mil reis!

Vi o rapaz meter a mão na algibeira do colete, pegar na nota com dois dedos, desdobra-la com os outros dois e pespegar-na diante do nariz...

...Eu encavaleitei as lunetas na cana do nariz, para ver melhor... E vi... vi... —oh assombro!—uma nota de cem mil reis. Pensava que fosse coisa que já não existisse, mas dou-lhes a minha palavra de honra que existe! Dando uma guinada ao pensamento, cai na mais surda e muda estupefacção. Daí a pouco, senti que o Inacinho me abanava fortemente...

—Com que então achaste cem mil reis?!... Mas será possivel, senhor Deus?!...

Era. Ora os leitores não acreditam... Tambem eu não acreditava. Desde os treze anos—e já estou com sessenta e quatro—que ando sempre a farejar,

sempre que saio á rua, a vêr se topo alguma nota, ou anel, ou pulseira, ou relógio... Não ha pedrinha de passeio que o meu olhar não conte. Encontro muita coisa, é certo, mas sem valor: Pontas de cigarro, papeis, bilhetes de electricos, etc. Dinheiro ou objectos, nunca!

De tanto andar de cabeça baixa, arranjei uma marreca. Nunca encontrei nada e julguei que esta coisa dos anuncios que aparecem nos jornais, «Alviçaras», «Gratifica-se», «Perdeu-se» etc., era tudo uma cantiga dos jornalistas para arranjamem assunto.

Como a gente se emgana! Calculam lá os leitores a dinheirama que se perde, dia a dia, nas ruas de Lisboa?... Não fazem ideia!

O inacinho, achando no começo da rua do Ouro a nota de cem mil reis, dobrou-a, muito bem dobradinha, na palma da mão e foi perguntando aos

Tambem o suspeito quando lhe tirei as medidas; mas como agora as farpelas são tão acanhadinhas e o tempo vai para economias, supuz que lhe não ficaria mal ao parecer.

Não foi, porém, falta de visão, se bem que isto de fazer cronicas a metro seja um pouco difficil e se preste por vezes a tais enganos na medida.

Não o fiz, na verdade, por aquele espirito de todo o bom alfaiate, que, por saber que as fazendas estão carissimas, procura sempre poupar uns retalhinhos que tira nos cozes dos fregueses, em proveito das cuecas dos meudos.

Remeto por isso este retalho, mais estes centímetros de fazenda, que irão pudicamente tapar a nudez desta ruborizada pagina.

E', por assim dizer, o contrapeso. Aquele contrapeso com que os padeiros costumavam noutros tempos completar a exiguidade do tamanho dos seus pães.

Hoje, creio que já não usam o contrapeso, porque contra o peso são eles todos, afinal.

Apesar disso, cá no meu estabelecimento procuro servir sempre o melhor possivel o freguês. E se não pode ser melhor na qualidade, não quero que ao menos lhe falte no peso ou na medida.

Mas, francamente, eu que seria talvez um escravo da moda, se ela não fosse tão exigente nos preços, pensei que se as idéas, como as vidas, estão curtas, os rendimentos são tambem cada vez mais acanhados, as saias são curtissimas e os cabelos curtos tambem, porque razão não devem as cronicas ser tambem tão curtas como tudo o mais?

Mas, enfim, será bom ficar por aqui, não estender mais a fazenda, não vá tambem agora esta cronica ficar com a cauda a arrastar pelas outras paginas.

AUGUSTO CUNHA

transeuntes, para experimentar, a ver se encontrava o dono da sua nota:

—O senhor perdeu cinqüenta mil réis?

Dahi a cinco minutos, ainda não tinha ele chegado á rua da Vitoria, já encontrava quarenta e sete pessoas que tinham perdido quarenta e sete notas de cinqüenta mil réis!

Muito dinheiro se perde em Lisboa! Só quem não acha nada é...

... UM SEU CRIADO

A LAVADEIRA



—Então você perdeu a camisa e mete-a aqui na conta da lavagem?
—E' que eu perdi-a depois de a lavar...



Curiosidades

DUAS ARVORES NUM PÉ SÓ

Ha uns quarenta anos, em Sousans-en-Médoc, uma bolota caiu dentro dum tronco ôco dum velho salgueiro. A bolota germinou, engrandeceu, fortificou-se, transformou-se num castanheiro. As duas árvores vão vivendo uma dentro da outra, perfeitamente á vontade. Mas é possível—tudo o indica—que o castanheiro vigoroso destrua o seu velho protector, o salgueiro decrépito.

A PRÓXIMA GUERRA

Um conferencista inglês acaba de afirmar publicamente que, segundo os seus calculos misteriosos e baseados em difíceis sciências occultas, a próxima guerra terá início no dia 28 de Maio de 1928 e terminará em 16 de Setembro de 1936. Dela sairá o aniquilamento da Rússia e a vitória da Inglaterra e seus aliados.

ESTADÍSTICA MACABRA

O Ministério do Interior francês acaba de organizar a seguinte estatística, sobre desastres mortais causados pelos automóveis, durante o ano de 1926. Houve 2.160 desastres mortais; 752 foram devidos a excesso de velocidade; 659 á desobediência aos regulamentos sobre o trânsito; 405, a imprudência das vítimas; 342, a causas diversas. E' possível que estas «causas diversas» digam respeito a desarranjos no automovel, ao mau estado do caminho, a doença subita do «chauffeur».

INSTITUIÇÕES DE SOCORROS MUTUOS

Segundo uns, a primeira instituição ou caixa de socorros mutuos foi fundada em Hamburgo, em 1778. Segundo outros, o verdadeiro inventor de tão útil instituição foi o francês Hugues Delestre, conselheiro do rei, o qual, em 1611, apresentou a Maria de Médicis, regente do reino, o respectivo projecto. A Suíça estabeleceu a sua primeira caixa de socorros em 1785; a Inglaterra seguiu-lhe o exemplo, pouco depois. O grande êxito da instituição de Londres inspirou o desejo de dotar Paris com um estabelecimento semelhante. Com efeito, por decreto de 29 de Julho de 1818, a Companhia de Seguros Marítimos era encarregada de organizar a primeira Caixa de Socorros Mutuos da França.

ARVORES CORTADAS

Os antigos conheceram a moda de cortar as árvores com fins ornamentais, moda que, durante o Renascimento, reapareceu, em Itália e França. Houve então arboricultores e jardineiros peritos nessa arte: os *topiarii*. Não se confinaram nas formas architecturais e «esculpiram», nas folhas e nos ramos, principalmente do buxo, figuras de personagens conhecidos, corpos de animais: cães, aves, etc. A's vezes, transformavam as árvores, dando-lhes o aspecto dum vaso, duma esfera, duma mesa, dum chapéu de sol, etc.

UM GRANDE CONCURSO POPULAR

Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um êxito sem precedentes

NOVAS QUADRAS

(A' gentil Carminda.)—Trabalha em casa—

Cá no meu fraco entender,
A costureira mais linda,
D' rei sempre até morrer:
Que és tu, minha Carminda!

JEREMIAS

A' menina Ruth B. O., trabalha na Rua de S. Nicolau 73—Atelier Tátá.

Eu enumero as belezas
Da mais feia costureira
Das proximas redondezas.
Na industria chapeleira.

Dizem que és bela gentil.
Não acho caso para espanto.
E' bonito o teu perfil
E a tez morena um encanto.

Mas de resto!—nada mais—
O cabelo?—Não é feio!
E os teus olhos ideais
São o meu constante enleio.

Os labios?—Ah esses sim?
São lindos, frescos rosados.
Dois pedaços de carmim
Em nacar encastoados.

Os dentes? Certos, bonitos.
Não serão feios—talvez!
E excluindo os olhitos.
Encantos... era uma vez.

E' bondosa bem formada
Tua alma sonhadora,
Mas também não tens mais nada,
Que te torne encantadora.

Não és gentil nem formosa
Outra igual ainda não vi.
E's fresco botão de rosa,
E eu gosto muito de ti.

SANTA PÉPA

A uma costureira que deve ganhar o concurso.

Vais ser eleita rainha
Pelas tuas seduções;
Rainha das costureiras,
Senhora dos corações.

Serás eleita rainha
Pela tua formosura;
Rainha dos corações
E rainha da costura.

Quando tu fores eleita,
Leva no dedo o dedal,
Para que diga toda a gente:
—E' costureira real!

Se fores eleita rainha,
Não te mostres orgulhosa.
Porque se fores humilde
Tornar-te-ás mais formosa.

Quando tu fores e'leita,
Leva também a tesoura,
Para que toda a gente diga:
—Como está encantadora!

Rainha das costureiras
Não uses trajos reais,
Porque as tuas companheiras
São também a ti iguais.

Rainha das costureiras,
Senhora dos corações,
Encara a realidade,
Não vivas só de illusões.

M. G. DOS SANTOS

A uma linda costureira da casa «Au Bon Marché».

Só sei que gosto de ti,
Fazes-me volver o coração,
Ultrapassas uma Venus,
O' mulher sem distincção!

Nasces para mim a todo o instante,
Estou sempre a pensar em ti,
Agora, logo, cada vez mais palpitante.
Mal digo a hora em que te conheci...

A tua cara tão linda,
Ebria de cor e de esplendor.
Edifica em mim a essencia do desejo,
O sonho interminavel do amor!

Porto 30/XI/1927—HORACIO FERREIRA

A uma costureira da Alfaiataria Smart.

Atende o «Menestrel» ó dôce castelã!
Atende, escuta o pobre, oh! dá-lhe o teu carinho...
Não ouv's o seu canto? Ainda era manhã
Já ele te cantava! Atende o pobresinho...

Escuta o «Menestrel!» Humilde? Veste-lã?
Que importa?... Sabe amar... E' rouxinol sem
ninho...

Dá-lhe um sorriso, dá... Não és dum anjo irmã?
Tem pena, compaixão, de «Um Cardo do Caminho...»

Repara, o sol se esconde... Alem, no horizonte,
Qual hostia colossal sobre o altar dum monte,
Descendo como vai parece o Deus subir...

A noite desce já... Tem pena de quem chora,
De quem, desde que ao longe appareceu a urora,
Molhou no pranto seu cem lenços de «Zephyr»...

AH!

A' menina Leonor, do atelier da madame
Elisa Correia de Sá, Rua de S. Nicolau 102, 3.º

Leonor era uma santa
Que outrora existia
Quando Deus beijou-lhe a campã
Ainda sua boca sorria.

Se morresses Leonor
Eu iria á campã fria
Resar pelo teu amor
E de paixão morreria.

Lindos olhos. Lindos olhos
Quando a noite fôr escura
Haveis de deitar luz
Sobre a propria sepultura.

UM «FILM» FALADO

A companhia cinematográfica que fez o *film* intitulado «Charg» (*Elefante*, na lingua de Sião), pretendeu que durante a exhibição dêle se fizessem ouvir, por meio de fonógrafos, as vozes de alguns animais ferozes. Como no *film* ha inúmeras e belas paisagens das selvas, o efeito da voz das feras devia ser excelente. A direcção do Jardim Zoológico de Londres autorisou que a companhia cinematográfica utilisasse as feras do jardim, recolhendo-lhes as vozes, por meio dum microfone. Não foi difficil fazer «falar» vários animais, mas foi difficilimo obrigá-los a não falarem todos ao mesmo tempo. Para obrigar um leopardo a calar-se, quando uma leão rugia, foi necessário que a artista Gladys Callow, em tempos domadora, passasse um braço sobre o pescoço do importuno tagarela.

COMBATES DE ANIMAIS

Em muitos países, é moda organizar combates entre todos os animais que tem «espírito combativo». Assim, no Alaska e nas regiões ao norte do Canadá, os pesquisadores de ouro não conhecem nada de mais palpitante interesse que um combate de cães, o qual, geralmente, termina pela morte dum dos adversários. Sabe-se como os americanos e os belgas apreciam os combates de galos. Mas é na India que se vêem lutar os mais diversos animais. O atractivo do combate é ainda aumentado pelo das apostas feitas sobre o seu resultado. Há combates de perdizes, combates de bodes—que atingem o maior furor,—combates de bufalos, e mesmo combates entre certos peixes, em tanques fechados. Todos estes desafios tem os seus admiradores. Mas entre todos os combates de animais os mais notáveis, os que constituem um verdadeiro espectáculo de reis, são os combates de elefantes, que costumam ser organizados em honra dos *rajás* ou do vice-rei das Indias.

A' chave fechei meu peito
Mal te vi beleza imensa
Ninguém de enirar tem direito
Sem que te peça licença.

Tem teus olhos tanta luz
E é tua voz tão sedutora
Que roubaria Jesus
A' propria Nossa Senhora.

P. G. O.



Quer um Relógio igual
a este, de graça?

Assine o Romance

REDEÇÃO

São 25 fasciculos a
Esc. 2800 cada fasciculo. Nova Empresa
Nacional Editora,
Praça dos Restauradores,
13, 1.º Lisboa.

O DOMINGO
Distribuído

TEATROS

CA POR DENTRO

Consta nos meios teatrais que a companhia José Climaco fará uma tournée ás Ilhas, no ano proximo.

—A companhia Lucilla Simões-Erico Braga vae fazer reprise de uma das peças de maior successo do seu repertorio: «O Homem das Cinco Horas», o engraçado vaudeville brilhantemente trazido pelo nosso colega Alvaro de Andrade.

—Carlos Leal, o «Rei dos Compéres», estreiou-se na quinta-feira em Santarem, com a sua companhia de Revistas, exgotando-se por completo a lotação do teatro. Agrado unanime.

—A companhia Cremilda de Oliveira prefere no Carlos Alberto, do Porto, 60 representações seguidas da peça «O Garoto da Ribeira», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

—Estão em moda os pretos...

Maud de Forrest, a rival de Josephin Beker, teve o seu contracto prorogado no Teatro Salão Foz.

Para o Trindade, veem agora os «Robinson's Syncopators», onze jazz-performers de Chicago. Sabemos de um urlista nosso que vae pintar a cara de preto, a ver se assim o publico lhe acha mais graça. Se a moda péga...

—As premières da proxima semana: «Sete e Meio», a grande revista de «Dois Velhos e Dois Novos», com que reabre o Apolo, que acaba de passar por importantes transformações.

«O Pardal Maluco», no Maria Victoria, pela companhia Hortense Luz, em substituição de «O Grão de Bico».

—Amelia Rey Colaço fez ontem no Porto, pela primeira vez, a peça de Bataille, Mulher Nua.

—Espera-se que pela Paschoa se representem em Lisboa, alem do «Martyr do Calvario» de Eduardo Garrido, mais quatro peças sobre a tragedia do Golgotha.

—Projecta-se a construcção de uma nova casa de espectaculos nas Avenidas Novas. Segundo as melhores informações, o terreno já está até escolhido. Afirma-se que no terminus da linha do Campo Pequeno... O que não se sabe ainda é se teremos mais outro teatro ou mais um cinema.

Trindade

«Perdoo-nos, Senhor», peça das mais formosas dos ultimos tempos, vive no Trindade co a uma interpretação impecavel. Lucilla Simões e Erico Braga, Maria Sampala, Almada, Amelia Pereira, Samuel e Luiza Fernandes realizam o original de Mendonça Alves. Em fim de festa, os notaveis barlinoes Soares Amy.

Maria Victoria

Triunfo a Companhia Hortense Luz com uma comedia essencialmente popular, «O Grão de Bico». Hortense Luz tem uma criação sobria, esplendida unanimemente pela imprensa e pelo publico.

Avenida

Companhia Sateles-Amarante. A companhia mais simpatica do publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sataoela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «dic» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

A tournée triunfal de Ilda Stichini

Uma inovação interessante



ILDA STICHINI

EM PONTA DELGADA FOI COLOCADA UMA LAPIDE COMEMORATIVA DA SUA PASSAGEM.

No Teatro Micaelense, de Ponta Delgada, acaba de receber Ilda Stichini a maior de todas as consagrações que a linda cidade açoreana tem prestado a grandes artistas, portugueses ou estrangeiros.

Veem cheios, os jornais, de criticas entusiasticas, de colaborações especiais, assinadas pelos principais nomes das belas letras açoreanas. Tem-se uma idéa do delirio que Ilda Stichini ateou com a sua arte, sabendo-se que a actriz insigne voltará a cada uma das cidades para onde fôra contratada, a fim de realizar nova serie de espectaculos.

Na Madeira, na Terceira, no Faial, foi Stichini recebida á altura dos seus méritos, e por toda a parte se deram expressivas demonstrações de apreço e de carinho. No Teatro Micaelense foi colocada uma lapide comemorativa da passagem de Ilda Stichini, ao lado de da Emilia das Neves, que, no mesmo dia, mas cinquenta anos antes, ali representara «A Morgadinha de Val-Flor». Foi um momento de apoteose, tendo discursado o dr. Luis de Bettencourt!

«O Açoreano Oriental» dedicou um numero de 8 paginas á illustre artista, tendo-lhe sido oferecido pelo director do conceituado jornal e por sua esposa um banquete de homenagem.

Ilda Stichini, que a 15 do corrente se encontrava em Angra do Heroismo, voltará ainda este mês a Ponta Delgada, onde estreiará as peças «Wang, três vezes sábio», de Henri Ghéon, tradução do dr. Alfredo Cortez, como cenarios de Leilão de Barros, e «Meu marido», a nova peça de Paul Géraldy e Robert Spitzer, os felizes autores de «Se eu quisesse...»

Num espectaculo extraordinario, representar-se-ha a «Ceia dos Cardeaes», fazendo Ilda Stichini o cardeal francês, Joaquim d'Oliveira, o cardeal português, e o dr. Agnelo Casimiro, um amator distintissimo, o cardeal espanhol.

Todos os artistas da companhia Ilda Stichini tem sido tambem muito festejados, e, particularmente, Luz Velozo, artista já conhecida nas Ilhas e muito querida do publico.

A bluiette que presentemente se exhibe no Teatro Salão Foz, com o titulo de «Es ó no és?», graciosa serie de quadros policromos em que se fundem a viveza de Espanha e o saudosismo portuguez, idea gentilissima de um joven literato madrileno — Enrique Nieto de Molina — uma vontade, uma inteligencia e uma energia consagradas — apresenta uma inovação interessante: A de «familiarisar» o «compére», não pelo facto de o pôr em contacto com a plateia, por meio de «piadas» aos «espectadores», mas sim por o sentar o auctor, na plateia, assistindo ao espectaculo como publico.

Já em «No, no, Manette», uma «musical comedy», nos aparece o «compére» incarnado na pessoa do maestro, que rege o «divertimento».

E' ele quem dá a entrada aos artistas, quem os anima, e afinal, quem «faz o melhor da festa».

Se bem pensarmos, o «compére» de uma revista é um personagem da peça... Binoculo, Livro de notas, Prancheta de aguaretista. O «compére» é sempre um pouco o actor... Compete ao auctor apresentar os numeros da sua peça e explica los ao publico.

Eis o que sucede em «Es ó no és?»:

O «Compére» ou o comentador da bluiette é uma linda artista, em travesti, que, sentada na primeira fila dos «fauteuils», lapis e papel em punho, vae apresentando os varios personagens atravez do frisson do auctor, evidentemente.

Se outro mérito não tivesse «Es ó no és...?» a peça de estreia de «Las Muñecas del Foz», teria esse: O de modernisar o «compére», o cabaretier, tornando-o mais intimo, menos actor, e agindo, consequentemente com muito mais autoridade sobre o espirito do publico.

Pathé Cinema

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Gymnasio

Um novo original do vibrante dramaturgo que é Ramada Curto: «A Noite do Casino» com Palmira Bastos, Alexandre de Azevedo e Henrique d'Albuquerque nos principais papéis. Completam o conjuncto Constança Navarro, Jorge Grave, Tarquinio Vieira, Maria Judice, José Mocho.

Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e creanças. Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado. — Gerente tecnico ALEXANDRE PERESTRELLO.

Salão Elegante das Avenidas

AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5689

Maria Victoria

Triunfo a Companhia Hortense Luz com uma comedia essencialmente popular, «O Grão de Bico». Hortense Luz tem uma criação sobria, esplendida unanimemente pela imprensa e pelo publico.

Avenida

Companhia Sateles-Amarante. A companhia mais simpatica do publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Sataoela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «dic» parisiense de seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

Foz

A elegante «bolte» da Calçada da Gloria obriga «Los Muñecas del Foz», doze formosissimas atrizes-cantoras e dançarinas que representam com «entrain» a bluiette de Don Enrique Nieto de Molina, «Es... ó no és!» musica de Don Jose Casanova, a grande exito da semana. Outras grandes atrações: Wallery e a celebre Maud de Forrest.

S. Luiz

Armando de Vasconcelos reaparece no São Luiz, agora de ponto em branco. A nossa grande companhia de operetta em que se contam os nomes de Auzenda d'Oliveira; de Aldina de Sousa, de Vasco Sant'Ana, de Fernando Pereira, de Sylvia Vieira, de Carlos Viana, de Maria Alvarez, teve uma reunião triunfal com a famosa opereta «Casta Suzana» um dos mais exitos da companhia.

Eden

Jose Climaco reabriu o seu teatro-macocotte com «Rosas de Portugal», um milagre de beleza. A formidavel Adelfina está na companhia cercada de elementos moços, num «elan» magnifico para se fazer arte a serio.

Nacional

Alves da Cunha faz reprise de um dos seus melhores trabalhos: «A Labareda», contracenando com Berta de Bivar, que realisa com extraordinaria arte o papel de «Monica Felt». Do moderno repertorio francez, genero forte, «A Labareda», de Kistemaciers, é uma das peças que mais se represent m em todo o mundo.

Coliseu

As maiores atrações dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «avolr feire» de Ricardo Covões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa. Eirey, o celebre artista sem braços. O sensacional numero da troupe Breier, seis admiraveis «crobats» que trabalham em saltos «à la bascu e!».

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Últimas e grandes transformações na sala e dependências. de forma a torná-la a preferida do publico.

O bilhete da lotaria

O sonho dum pai extremo, que rodeado numa fatal e cruel realidade.

ESTAVA SE em Dezembro. Na natureza, já despida das suas galas de verdura, reinava a tristeza. Durante a noite chovera torrencialmente, o que não impedira que nessa manhã um sol claro e reconfortante rompesse o manto pardacento de nuvens carregadas, espalhando a sua poalha de ouro sobre os pavimentos reluzentes das ruas.

Eduardo caminhava lentamente, rua Augusta acima, sem idéias, sem destino, alheio ao borborinho das oito horas da manhã, ás risadinhas discretas dos grupos de costureirinhas que pelo braço dos seus «mais que tudo» cruzavam no passeio por onde seguia, quasi roçando por ele, e que na alegria descuidada da sua mocidade—primavera exuberante de sol e côr—lá iam para o seu trabalho, com a alma cheia de ilusões e o coração transbordando de felicidade. Os grupos de varinas, com as canastras carregadinhas de peixe, rostos vermelho sfogueados, misturando os seus pregões com ditos picantes e modinhas populares, na alegre algazarra de quem da vida apenas conhece o riso, também lhe não mereciam atenção alguma.

Era dia de andar a roda. Os 3000 contos ha tantos meses anunciados apenas esperariam mais umas horas para que uma bola numerada lhes indicasse a quem deveriam pertencer e beneficiar. A garotada das cautelas andava num alvoroço, correndo aqui, gritando alem, oferecendo a todos o seu jogo, no seu estribilho sempre igual: —Compre freguês, é a sorte rejeitada, olhe que lhe garanto que tem a grande... só um «quadragésimo»... ao menos uma cautelinha, olhe que são 3.000 notas. E' o 4.3... quem compra a grande!

E toda essa população moça que a essa hora dá a Lisboa, de mistura com o sol nascente, um sorriso de alegria, todos caminhando para um só fim—o trabalho—, na sua alegria egoista da

mocidade, também não reparavam em Eduardo, que cabisbaixo, continuava o seu caminho cada vez mais absorvido nos seus pensamentos, se é que nesse momento pensava em alguma coisa, tal a abstracção que se lhe notava na expressão vaga do olhar.

Eduardo, ia para dois meses, devido a uma queda que dera na escada da trapeira em que vivia, lá para S. Vicente, e que lhe inutilizara a mão direita, havia-se impossibilitado de exercer o seu officio de tipografo. Vivera até ali da caridade dos seus camaradas, que lhe haviam evitado desfazer-se das poucas coisas que possuía para poder manter a mulher e uma filhinha, encantadora creança de 4 anos, adoravel de formosura, unica preocupação da sua vida e que nas más horas o animava



—Fique-me com esta cautelinha...

com os seus sorrisos inocentes e suas diabruras infantis, que o desvaneciam. Mas a caridade dos seus colegas não era ilimitada. Quem precisa, pre-

cisa sempre, mas quem dá, nem sempre pode dar. Nessa semana começara a sentir as primeiras faltas e os seus poucos haveres foram abandonando a sua casa, deixando-a quasi vazia. Restava-lhe a caminha da sua Luisinha e a corrente de ouro e relógio, presente de sua saudosa mãe. Mas não, pensava ele, a cama não empenharia. Onde havia depois de de dormir a sua filha? Nem que houvesse de pedir esmola. Não teve outro remédio senão desfazer-se da lembrança da mãe, que lá do ceu compreenderia o sacrificio e per-



E' aquele que tu vês sentado...

doaria. Com algum dinheiro que ainda tinha e o que conseguira realizar juntara uns centos de escudos, que lhe garantiriam o pão até o mês seguinte, sem que tivesse de empenhar a cama da Luisinha—pesadelo que lhe oprimia o coração e que ele a todo o custo queria evitar se realizasse.

A' medida que se aproximava do Rossio aumentava o sussurro de toda essa multidão que corria apressada para a labuta desse dia, num val-vem nervoso, numa confusão de vozes, verdadeira apoteose ao trabalho. Aí, os vendedores de lotaria multiplicavam-se, e em tal gritaria que endoideceria o pacato provinciano que se arriscasse a desembarcar áquella hora.

Um garoto aproximou-se de Eduardo:

—Fique-me com esta cautelinha... é aqui que está a sorte, não despreze os 3.000 «kilos»...

—Vai-te embora, não quero nada—respondeu com um gesto Eduardo.

Tinha acordado dum sonho para voltar á realidade da sua situação. Palpou a carteira para se certificar de que ainda tinha com com que matar por algum tempo a fome á sua Luisinha. E lembrava-se que noutros lares mais felizes, outras criancinhas como a sua filha iriam festejar a noite de Natal, entre sorrisos de esperança dos seus venturosos pais.

Mas um pensamento rápido e intenso como um relampago lhe atravessou o cerebro, pondo ponto nas suas reflexões e não lhe dando tempo para raciocinar. Como louco, correu ao primeiro cambista, e, a medo, como se fosse cometer um crime, reduziu todo o seu dinheiro a um bilhete de lotaria.

—Vieste hoje tão tarde, Eduardo—disse-lhe a companheira.—Por força te

esqueceste do almoço ou algum colega te convidou para almoçar... Responde... Não dizes nada... Que tens tu? Não venis bem, aconteceu-te alguma coisa? Olha para a nossa Luisinha abrindo para ti os bracinhos...

Ao ouvir pronunciar o nome da filha adorada, desvaneceram-se por um momento os pensamentos de Eduardo e, tomando-a nos braços, beijou-a enternecidamente, mas sem sorrir e brincar com ela, como fazia sempre que chegava a casa.

—Não se me tira da cabeça que tens alguma coisa. Estás doente? Mas como havias de vir hoje. Nem a Luisinha te distrai.

—Deixa-me, não venho bem disposto, sufoco, falta-me o ar, não sei o que sinto. Mas isto passa, não é nada. Leva a nossa filha e almoçem, que eu vou para o quarto, preciso descansar.

Um amontoado de pensamentos e reflexões trazia preocupado o espirito de Eduardo. Como no delirio de enorme pesadelo, as mais estranhas visões lhe invadiam a mente numa rapidez espantosa. Era como se no seu cerebro se houvesse precipitado uma torrente formidavel de aguas, umas limpidas, outras turvas, renovando-se e redobrando de intensidade a cada novo pensamento.

Sonhava-se num palacio rico de arquitectura e decorações. Um enorme parque de jardins sumptuosos e grandes florestas, onde a custo penetravam os raios solares, cercavam o edificio principal. Dir-se-ia que mão de fada havia tocado a Natureza, planta por planta, flor por flor, tal a riqueza e variedade de tons, tal a robustez dos velhos troncos e delicadeza das pequeninas ervas. Via-se sentado na relva, tendo a seu lado a sua Luisinha que, feliz, brincava, correndo atraz de multicolores borboletas, gargalhando, na sua alegria infantil. Na sua frente um lago enorme. Ao centro, que deslumbramento! um repuxo atrava para o ceu enormes colunas de agua. O sol, pondo em cada gota uma scentilhada de côr, transformava-as em pedrarias do mais limpidido brilho, formando como que uma cascata de luz. Tinha a' vista parada, fixa, maravilhada, sentia-se entontecer, magnetizar por aquela intensa claridade que nos seus olhos nunca havia penetrado. Via-se depois numa sala ricamente mobilada e forrada das mais valiosas tapeçarias. Misturavam-se as pratas e os cristais. Uma multidão de criados vestidos a rigor, com lindas casacas agaloadas, serviam as melhores iguarias e vinhos de perfume estonteante. Festejava a noite de Natal. A sua Luisinha, cheia de contentamento, na sua vozinha de rouxinol, ria, ria, tagarelava...

Repentinamente, mudou-se o quadro: Antevia o dia de amanhã, na mais completa miséria, sem nada. Todos o haviam abandonado. A sua filhinha adorada já não poderia nessa noite dormir na sua caminha. Doente, cheia de fome, estirada para um canto da casa vazia, perdera o seu sorriso, a sua

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

DOIS DEDOS DE CAVACO

— **P**ODE crer, a semana dos artistas de teatro, ou melhor a semana em que os artistas de teatro serão artistas do comercio, vai ser uma semana cheia, cheia de compras e de vendas, uma semana em que os comerciantes vão ter as casas cheias...

—Principalmente de mirones.

—De todas as semanas que ultimamente tem aparecido, a dos hospitais, a dos bombeiros, a das creanças, a dos militares sem graduação, é sem duvida esta a mais interessante por todos os motivos.

—Não falando, é claro, da semana ao natural que é para mim a mais apreciavel.

—Talvez por ser tão rara actualmente. Mas nesta, ao menos, o publico vai ter ensejo de ver os artistas de perto, sem o obstaculo da ribalta.

Vai ter o prazer de lhes poder comprar varios produtos, que decerto nem chega a consumir. Que adquire apenas para recordação.

—Não tenha duvida. Ha gente para isso. Para a todo o tempo poder dizer: «Estes sapatos de vitela que me vendeu a Ester Leão» ou Estas ligas que me vendeu o Erico Braga»...

—E muitos habitués de plateias de revista para verem de perto certas estrelas, certas suculentas divettes...

—Tão suculentas que são mais que divettes, são divans...

—Não se importarão de ver, tambem, as estrelas, na altura de pagar a conta das varias compras que fizerem.

—Para os artistas este contacto com o publico vai ser delicioso.

—E' conforme. Para os bons artistas talvez, mas para certos canastrões tenho a impressão de que pode não ser muito agradável.

—Mas porquê?

—Pode o publico vingar-se de todas as peças em que o tem aturado e só o não tem pateado por causa dos colegas, que não tem culpa nenhuma da sua falta de habilidade.

—Tem razão. Ao apanha-los, por exemplo, numa casa de bengalas pode o freguês comprar alguma para lhe dar com ela.

—Tenho um amigo que tenciona ir fazer compras a uma certa mercearia, que deve ter ao balcão um actor, que ele traz ha muito atravessado na paciencia. E ao qual dirá quando chegar a sua vez: «Meu caro sr., nunca lho

disse, porque as vozes do publico não chegam até ás regiões da critica (infelizmente devo dizer, porque senão outro galo lhe cantaria, alem dos que tenciono proporcionar-lhe,) mas já que o acaso aqui nos reuniu, quero paten-tear-lhe toda a minha admiração, pelas emprezas que tem tido a coragem, o heroismo de o contratar. E já que se me oferece a ocasião de o encontrar ao balcão desta mercearia, donde na verdade nunca devia ter saído, ou melhor, onde desde pequeno devia ter entrado para bem do teatro português, quero que me venda uns 10, mesmo uns 20 kilos de batatas das mais talu-das que tiver, com que desejo mimo-seá-lo logo á noite, no palco que tem



... pode o freguês comprar alguma, para lhe dar com ela.

suportado a sua incomparavel canastri-ce.

—E' o que se chama a critica directa, a critica á queima-roupa.

—Ah! chega-lhe a roupa ao pelo, pode mesmo dizer.

—Se, pelo contrario, fôr um ator pre-dilecto, querido...

—Principalmente uma actriz, querida em todos os sentidos...

—Que de madrigais poderão fazer-se.

—Que madrigais e que despesas colossais.— Suponha um velho apaixonado com certo fraco, com um grande fraco, tão fraco como ele proprio, por determinada estrela de revista.

E vai topa-la ao balcão dum joalheiro.

—Principalmente se ela souber do fraco, é a ruina, não haja duvida.

—E olhe que tenho estado a pensar que os actores não sentirão grande diferença com a mudança. Costumados a ver nos no balcão dos seus teatros, não extranharão encontrar nos no balcão dos varios estabelecimentos da baixa, onde a semana os conduziu.

—De resto, porque o ambiente é, afinal o mesmo.

Foi até interessante a ideia nesse ponto, porque, na verdade, não poderiam encontrar-se duas classes com tantas afinidades e tantos pontos de contacto, como a dos actores e a dos comerciantes.

E se não vejamos:

O cuidado que os comerciantes põem nas suas montras, verdadeiros palcos, onde atravez dos mais caprichosos e rebuscados efeitos de luz, como nos quadros de fantasia das revistas, nos apresentam os seus produ-

Os novos palcos da semana

Dialogo colhido a uma esquina do Chiado.

tos em verdadeiras miragens scenograficas, que nos tentam e nos atraem, não será proprio de habilissimos met-teurs-en-scène?

—Tem razão.

Depois, em geral, no comercio, como no teatro, tudo é falso, tudo é fingido, tudo são apparencias que nos iludem.

Mas ha mais. Os comerciantes, no proposito de impingir os seus produtos, são obrigados, como os actores a estudar o seu papel, a fim de poderem declamar perante qualquer de nós as excelsas qualidades dos artigos que lhes recheiam as vitrines. E da sua veia declamatoria, da forma porque desem-penharem diariamente os seus papeis, depende a prosperidade do negocio. E como para ter casas cheias é preciso atrair o publico, cuidam já hoje muito mais da misse en-scène, da disposição dos artigos e decoração dos estabelecimentos, que constituem afinal os verdadeiros bastidores da sua arte. Alguns chegam até a cuidar da sua propria indumentaria, como bons actores que

tecido, exhibia uma tal copia de gestos, de attitudes e de frases feitas, que por vezes tinhamos a impressão de que estava representando os grandes tragicos. De que nos falava por exemplo o Mercador de Veneza e não um simples mercador da R. Augusta. Este era em estilo serio, em tom dramatico. Ha tambem o genero alegre.

Aquele comerciante que ao vender leques a uma freguesa, como ela achasse o preço um pouco duro, teve esta frase de final de acto:

«Mas minha Sr.^a, dura lex, sed lex» pertence, é claro, ao genero desopilante. E' comedia pura.

—Em compensação, temos aqueles estabelecimentos que dão sempre tragedia. São os de artigos de senhora. Um casaco de peles é sempre um drama e qualquer tecido ou adorno feminino representa sempre, na altura do preço, uma tragica tirada.

—E' certo. Nessa altura, se somos nós que o seguramos, cai sempre o pano, ao mesmo tempo que o coração nos cai aos pés.

AUGUSTO CUNHA

CARREIRAS



E vai topa-la ao balcão dum joalheiro.

desejam apresentar bem o personagem.

—E olhe que tenho visto alguns que nas suas tiradas declamatorias são capazes de exceder os grandes ases da ribalta. Recordo hoje, ainda, o proprietario de certo estabelecimento de modas, que, para vender um corte de



—Rapaz, as carreiras que dão mais no godo de mulheres são as de sacerdote e as de official do exercito.
—Von fazer-me capelão militar.

DESESPERO



—Mãe, olha o papá que não me quer levar ao colol...

Actualidades gráficas

Moda nova



Uma janela quadrada de celuloide, aberta no guarda-chuva, permite a visão fácil, d. baixo de chuva e temporal.

Ouvresaria portuguesa



Uma elegantíssima peça da acreditada ourivesaria J. M. & Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

«O Camping»



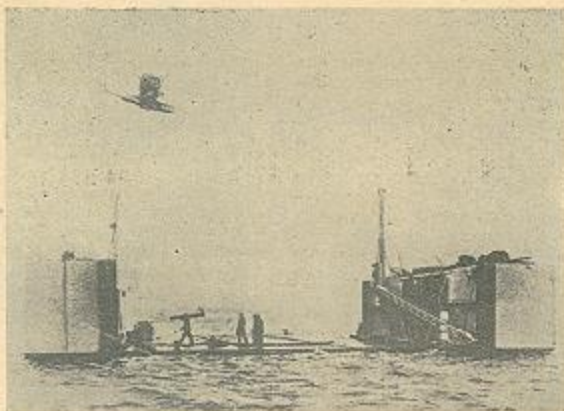
Para facilitar este uso tão salutar dos ingleses, fabricam-se automóveis, verdadeiras «roulottes» de luxo, que transportam e abrigam meia dúzia de pessoas.

O maior hotel do mundo



É este de Chicago, que tem 5.000 quartos e 5.000 casas de banho, garages, etc. Inaugurado há pouco, veio bater os maiores de Nova-York.

O primeiro aero-posto flutuante



No Báltico, com esplendidos resultados inaugurou-se a primeira doca de aterragem, munida das necessárias oficinas de reparação.

A America pratica



Espalhados pelas ruas da cidade, ha varios telefonos directamente ligados ao hotel formidavel de Chicago. Isto constitui uma das mais agradaveis e uteis facilidades proporcionadas aos seus hospedes.

Contra o fogo



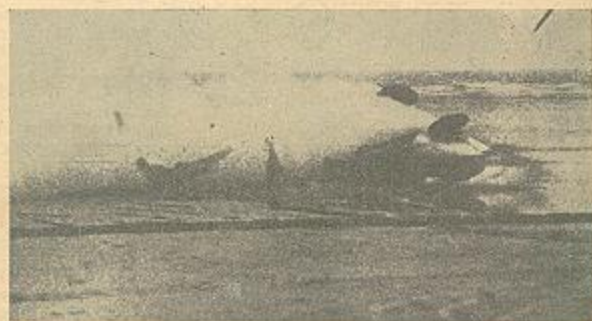
Novo fato de base de amianto, resistente a todas as temperaturas, usado pelos bombeiros de Munich.

Os grandes instantaneos



Momento da queda dum «bobsleigh» nos Alpes, que vitimou um dos seus tripulantes.

Um grande instantaneo



Momento dramatico da queda do corredor Foresti, quando tentava bater o record de Segrave.

PUBLICIDADE

COOPERATIVA
DOS
ESTOFADORES E DECORADORES

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1903 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO
COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS
ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.
PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33 LISBOA Telefone T. 39



FOGÕES CIRCULARES
ECONOMICOS

Trabalham com qualquer carvão ou lenha, aquecimento rapido, garante-se o bom funcionamento e solidez. Mais barato que cosinhar a gás ou a petroleo. Modelos especiais, com serpentina, de aquecimento na propria fornalha, para elevação de agua quente para casas de banho; sem mais dispendio no seu consumo.

Preços resumidos Serralharia de **Antonio da Costa**

114, — RUA DA EMENDA, Telefone 316 Tr.

TELEFONE C. 641



Casa Palissy Galvani
Guilherme F. Simões
LIMITADA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia Descontos aos revendedores
13, RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO

SERVIÇO DE RESTAURANT—CHAS

Constantino Molle

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — RUA DO COMERCIO — LISBOA

CAPITAL REALISADO
Esc. 50:000.000\$00

RESERVAS
Esc. 42:000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Guarda, Fundão, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

MADEIRA — Funchal 'ACORES — Angra do Heroismo e Ponta Delgada
CABO VERDE — S. Vicente e S. Tiago
S. TOME, PRINCIPE GUINÉ — Bissau, Bolama

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga, BANCO DE ANGOLA — Com filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malangé, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshasse (Congo Belga).

AFRICA ORIENTAL — Beira (Agencia) Banco da Beira, Lourenço Marques, Tete, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane, Ibo.

INDIA — Bombaim, Mormugão e Nova Gôa, CHINA — Macau, TIMOR — Dili, BRASIL — Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará, Manaus.

INGLATERRA — Londres, FRANÇA — Paris, ESTADOS UNIDOS DA AMERICA — Agencia em New York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros.

CURSO DE EXPLICAÇÕES

Preparação para exames de todo o curso dos liceus (sciencias e letras). — **Habilitação paga depois do exame, não a pagando em caso de insucesso.** — **Francês, Inglês, Alemão,** Instrução Primaria e admissão aos liceus para creanças e adultos. — **Curso Comercial** completo para formação de guarda-livros, agentes e tecnicos comerciais. — Os mais modernos metodos de ensino. — Todos os professores são diplomados com curso superior, inscritos nos liceus e rigorosamente especializados. — Os professores de linguas são diplomados com curso superior e especializados nos respectivos paizes.

Três regimes de estudo á escolha do aluno

Matricula permanente

Nova Escola Progresso R. DA PALMA, 219, 1.º

Só a Funda contensiva do
Dr. Barrère de Paris contem
as hernias (quebraduras) por
mais rebeldes que sejam. En-
saios gratuitos pelo especialista
Pedir boletins de medidas.

HERNIA
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
FARMACIA OLIVEIRA
238, Rua da Prata, 240

Casa das Malas

FUNDADA EM 1887

Carteiras, sacos para senhora, todos os artigos de viagem e monogramas

JOAQUIM DA SILVA & C.º (Filhos)

Telef. C. 3716 — 110, R. DA PRATA, 112 E 114 LISBOA

FUNERAES TELEF. 1094 N.
DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS
TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS PROVINCIA, ETC.
URNAS, ARMAÇÕES, COFRES, ETC.
PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
131, R. DOS ANJOS, 133
RESIDENCIA
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.
LISBOA

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -

SEMESTRE - 24 ESC.

TRIMESTRE - 12 ESC.

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10

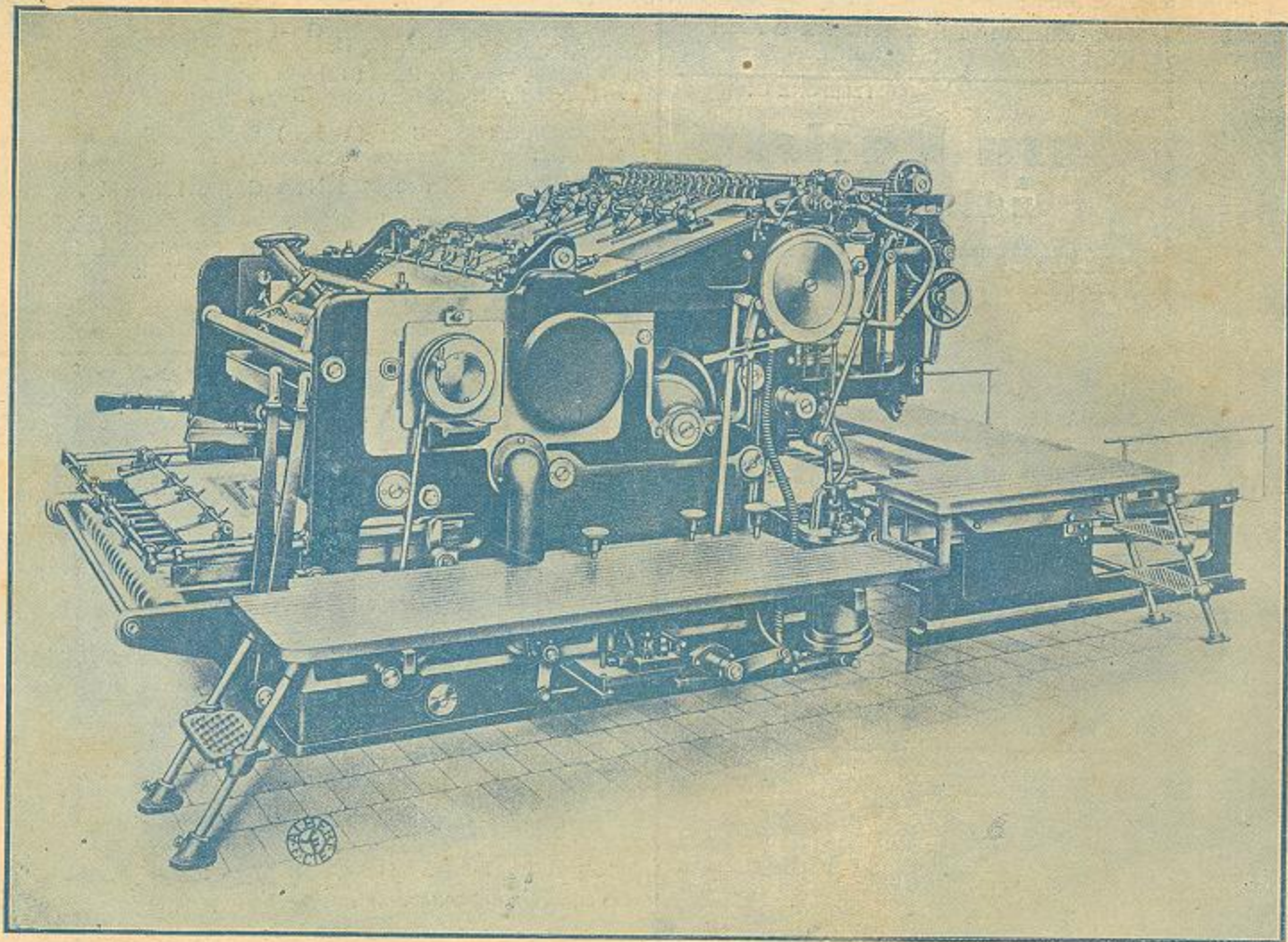
ESTRANGEIRO

ANO 64x24 - SEMESTRE 32x12

ilustrado

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

AS NOSSAS NOVAS MAQUINAS



Damos nesta pagina a reprodução duma das nossas maquinas que adquirimos e onde, dentro em breve será, pelos mais modernos processos de gravura, impresso o nosso DOMINGO. Pela primeira vez será impresso em Portugal, um jornal em ocogravura.